

Uma conversa sobre formas de afetividades

Elias J. Torres Feijó em entrevista a Vera Lúcia Cardoso Medeiros
e Frederico Garcia Fernandes

Elias J. Torres Feijó é professor catedrático de Literaturas de língua Portuguesa e Metodologia da Análise da Literatura e da Cultura na Universidade de Santiago de Compostela (USC). Diretor do Grupo Galabra (de Estudos nos Sistemas Culturais Galego-Luso-Brasileiro e Africanos de Língua Portuguesa), foi Prémio extraordinário de Doutoramento (1996) com a tese “Galiza em Portugal, Portugal na Galiza através das revistas literárias 1900-1936”. É autor de 10 livros e (co-)editor de 26. Entre eles, cabe destacar *Estudar sem melancolia: Reflexões teóricas e aplicadas nos bastidores do sistema literário* (Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022); *Heteronomias em textos e historiografia da literatura galega* (Andavira, 2022); *Bem-estar comunitário e visitantes através do caminho em Santiago. Grandes narrativas, ideias e práticas culturais na cidade* (Andavira, 2019), tendo sido Prémio de Investigação da Cátedra do Caminho e das Peregrinações, 2020. Foi vice-reitor da USC (2006-2009) e presidiu a Associação Internacional de Lusitanistas (AIL), entre os anos de 2008 e 2014.

A entrevista com o professor Feijó versou sobre seu conceito de “afetividade identitária” e “identidade afetivizada”, e soma-se aos artigos e reflexões trazidas neste número temático da **Veredas**, “A literatura e seus afetos”. Esta entrevista foi conduzida pelos organizadores deste número e, desde já, gostaríamos de manifestar nosso agradecimento ao professor Feijó pela disponibilidade em cedê-la.

Entrevistadores: Aproveitamos para agradecer a disponibilidade do professor Feijó para responder às nossas questões e iniciamos pedindo para que o professor nos explique o que é “afetividade identitária” e seu reverso, a “identidade afetivizada”? Qual é a diferença entre os dois? Podemos perceber estes conceitos nos fenômenos sociais contemporâneos? Teria alguns exemplos para nos passar?

Elias J. Torres Feijó: A dimensão (des-)afetiva tem um papel muitas vezes fundamental na constituição e desenvolvimento identitários, pessoal e coletivamente, que em ocasiões é negligenciado.

Quando pessoas ou coletivos assumem sentimentalmente elementos identitários, estamos perante uma identidade afetivizada; uma identidade, e uma identificação, onde são projetados diversos sentimentos ou valores, quer sejam positivos ou negativos (neste último caso, estaremos perante uma anti-identidade afetivizada); qualquer elemento, material ou imaterial, que é elevado à categoria simbólica é passível dessas identidades, se acolher essas projeções individuais ou coletivas. Ritos, espaços simbólicos, objetos emblemáticos, camisolas ou panos são alguns dos muitos casos desta identidade que acabam por afetivizar-se.

“Afetividade identitária” quer aludir ao resultado dum processo afetivo que conduz a uma identificação e identidade determinadas, em que é o afeto sobre o objeto em que essa identidade é projetada (e o que ele poderá vir a canalizar como parte da visão do mundo da pessoa ou coletivo) o que provoca essa identidade. Primeiro é o objeto do afeto; depois, a identidade projetada no afeto, sem que

o objeto existisse previamente como identidade para a pessoa ou o coletivo. Se for um processo de afeto negativo, estaremos perante uma “afetividade identitária”.

Ora, interessa não perspetivar de modo rígido e inamovível nem a identidade nem a sua pluralidade; e saber destringir, se possível, as dimensões afetivas e identitárias, ao mesmo tempo que reconhecer elas serem, sem dúvida em muitos casos, um resultado dialético.

Penso que é na esfera das mobilizações sociais, por exemplo, onde essa dimensão da afetividade identitária pode ser detetada e ter um papel relevante.

Convém apontar, mesmo ao de leve, um correlato dessa afetividade se falarmos em comunidades: existe uma identidade que denomino “emblemática”: a surgida da comunidade e que esta entende que a representa; normalmente tem uma componente interna (a comunidade) e externa (a aceitação dessa representação por agências externas à comunidade). A afetividade identitária tem apenas génese interna, ainda que possa ter impulsos externos. Um caso: nas nossas pesquisas (da Rede Galabra), as pessoas de Santiago de Compostela colocam no topo de espaços emblemáticos da cidade a parte velha da cidade e a catedral (44,6% e 37,8% menções respetivamente, dum máximo de três que as pessoas podiam citar); mas quando se trata dos espaços queridos, a zona velha conserva-se num 39,0% mas a catedral cai 30 pontos; até 7,5%... A zona velha é lugar de afetos que atinge valor identitário; a catedral é identidade que não se entranha como querida. Nas mesmas variações que nestes casos possam acontecer, estará presente, provavelmente, uma dimensão afetiva da identidade e da identificação.

Ora, pense-se, por exemplo, em comunidades locais e na fabricação identitária a partir de afetividades. Com certeza irão assomar exemplos em cada comunidade que se considerar.

Entrevistadores: A “virada afetiva” no campo dos estudos sociais ocorreu nos anos de 1990, momento no qual pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento estavam preocupados na capacidade de pessoas se engajarem ou se afastarem de outras. Há várias crises sociais que justificam estes fenômenos, você poderia discorrer como a afetividade identitária contribui com este diálogo?

Elias J. Torres Feijó: Como terei oportunidade de reiterar, eu não conheço nem minimamente toda a bibliografia que possa existir sobre este assunto. Ora, certamente, sabemos que muitas atitudes sociais (incluídas as mobilizações políticas ou as orientações de voto) têm bases afetivas determinantes. Sentimentos que não se correlacionam com decisões racionais de otimização de benefícios pessoais (materiais, por exemplo) ou que colocam benefícios sentimentais por cima doutros. A neurociência tem avançado no estudo de determinados estímulos e de como as mensagens simplistas e emocionais atuam na mobilização social.

Fenómenos como as guerras, as crises económicas em determinadas comunidades, defesa de direitos de grupos com o o LGTBIQ+, imigrações, podem gerar, geram, reações afetivas que podem incidir na reelaboração de identidades prévias ou na construção doutros novas.

Em casos como o que me ocupa aqui mui em concreto (conflitos sociolinguísticos e opções normativas), o que denomino de modo neutro LG (língua da Galiza) está perdendo utentes e visibilidade perante o espanhol, língua, aliás, que muitas pessoas na Galiza também consideram própria, até os extremos de que, pela primeira vez, o conjunto de falantes da LG é superado polo de falantes do espanhol. Muitas pessoas e grupos tentam atuar para que isso não suceda e que, polo contrário, a

normalização linguística da LG avance; muitos estudos sociolinguísticos centram-se no uso e nas suas condições. Mas, se em casos como o galego, não se tiver em conta, o *afeto*, a *afetividade identitária*, que funciona em muitos setores jovens urbanos que não usam a LG, e considera-se que a lealdade à LG só pode ser expressa usando-a, esses setores passam a ser *traidores* ou, pelo menos, deixam de fazer parte do grupo normalizador. O erro é crasso. Nem se têm em contas as dinâmicas do conflito nem os afetos em causa, o que acaba por produzir efeitos contrários aos desejados.

Ora, estendam este caso a todos aqueles em que se não se levar em conta a componente afetiva e só se medirem práticas, para analisar fenómenos e impulsar planificações. Acho que muitas pessoas poderão enumerar equívocos ou consequências indesejadas dessa carência. E, também, erros de apreciação ou análise.

Entrevistadores: Em seu artigo “Norma linguística e afetividade identitária/identidade afetivizada” você afirma “Suponho que reiventei a roda com ele mas não encontrei o assunto na revisão bibliográfica que na altura realizei [...]”. Poderia discorrer um pouco sobre quais fenómenos observados por você foram fundamentais para elaboração deste conceito, bem como quais foram os pensadores que o influenciaram?

Elias J. Torres Feijó: Bom, como antes anotava, eu revisei alguma bibliografia à procura deste assunto específico e não encontrei nada (encontrei, sim, muitos elementos para pensar o assunto); mas só revisei bibliografia, além da nossa língua, em inglês e espanhol... E, naturalmente, não toda nem por aproximação. Com certeza que na psicologia social, na sociologia dos afetos, na antropologia cultural, na sociolinguística, por citar algumas disciplinas, estes assuntos terão sido abordados...

Esses conceitos que uso têm para mim um valor instrumental; não fazem parte de nenhum quadro teórico que tenha elaborado, ainda que, certamente, os trabalhos de Max Weber, Bourdieu ou, mais próximos para mim ainda, de Even Zohar sejam nitidamente inspiradores. Como também outros, caso do *Les passions ordinaires: anthropologie des émotions*, de David Le Breton, que fala do conceito de “cultura afetiva”, e que situa as emoções no quadro dum sistema de sentimentos e valores comunitários, dum repertório, podemos dizer com Even Zohar, que alimenta o sentido de pertença social.

Como tenho dito noutra lugar, comecei a pensar nisso quando, sem procurá-lo, num trabalho de campo sobre a reação de pessoas assistentes aos passes do filme *Apóstolo* em Santiago de Compostela, numa equipa da Rede Galabra detetamos que muitas não iam habitualmente ao cinema; e, bastantes, simplesmente, era a primeira vez que iriam no ano ou até em anos; não assistiram por ter atração polo cinema mas polo afeto ao assunto: Santiago, o Caminho, o Apóstolo; estavam ali, algumas *apesar* de ser um filme a visionar numa sala comercial. Isso levou-me a pensar em pessoas nada ecologistas que defendem decididamente que não se construa um centro comercial num espaço natural porque ali jogavam na infância e que grupos ecologistas querem preservar: estão na mesma luta que estes mas por diversas razões. Ou o pai, abnegado, que vai a um concerto porque a sua filha toca numa banda, ainda que não goste nada do tipo de música em questão, que, aliás, está disposto a defender com ela porque é uma atividade mui importante para a sua filha. É o afeto o que moveu a pessoa a fazer algo que, se não existisse esse afeto, não faria porque esse algo estava fora do seu horizonte; ou a incorporar uma afeição, um gosto, uma ideia que veio determinada polo afeto ao objeto, à atividade... E, pode, em casos, acabar

por identificar-se, por sentir-se *identitado* nessa expressão, nesse algo: acabar por identificar-se com o ecologismo, com o filme ou o cinema de animação, com a música dita clássica, resultado dum processo de *afetividade identitária*. Ou uma pessoa namorada doutra doutro país que acabar por identificar-se com símbolos ou ideias desse país tendo como veículo o seu amor por essa pessoa.

Entrevistadores: O artigo parte do conceito de afetividade identitária para refletir sobre a orientação normativa do galego. Você entende que seu conceito possui uma aplicabilidade para outros fenômenos estudados pelas Letras, como por exemplo, manifestações literárias contemporâneas?

Elias J. Torres Feijó: Tenho plena certeza. A começar porque é aquela dialética do afeto e a identificação o que gera identidade com textos ou autorias; e que ela acaba por ser assumida como dado adquirido (esquecendo em muitos casos, com a passagem de anos e gerações, as condições históricas da sua construção, como Bourdieu nos lembraria...).

E, sim. As histórias da literatura tendem a apresentar-se historicamente como alegorias nacionais ou comunitárias, dada a aliança, implícita ou explícita, entre o estado e o mundo académico, que precisa(va) dessas alegorias para afirmar uma série de ideias sobre o bom, o belo, o verdadeiro, incluindo a verdade da nação que quer estender e impor.

Essas histórias, como é sabido, procedem selecionando, incluindo, hierarquizando e excluindo autorias, textos, fenômenos, para articular-se com o conceito dominante de comunidade em cada momento. Isso explica aberturas ou contrações em função do estado social das cousas em cada momento. Já abordar essas histórias dá uma informação valiosíssima sobre os grupos dominantes, os eventuais conflitos e confrontos e as ideias e valores em jogo.

Ora, podemos abordar os textos com um valor informativo (em que a estrutura, a forma e a sua proposta estética apresentam um papel decisivo; não é apenas uma questão de *conteúdos*...!) para entender e explicar sociedades, posições, funções, dinâmicas, etc., e as autorias como informantes privilegiadas em cada momento social se atendermos bem aos quadros de situação que são gerados e os repertórios e *habitus* em causa.

Eles podem também permitir-nos entender os recursos disponíveis e a mobilização de recursos que indivíduos e comunidades procuram e praticam para conseguir os seus objetivos nos diversos planos da vida e entender a lógica dos seus sucessos e fracassos.

Assim, em muitos momentos da história das comunidades (sejam estas quais forem) os textos literários podem constituir um elemento chave para o entendimento da vida social em, reitero, as suas mais diversas dimensões.

Entrevistadores: Em um artigo anterior, de 2014, encontrado na *Revista LETRAS DE HOJE*, “Historiar e comparar literatura como meio e análise de comunidades. Espaços literaturizados como exemplo e proposta”, você afirma que a história da literatura, como uma grande narrativa, não é mais possível; ela é viável se adota parâmetros explícitos e determinados e base empírica e relacional. Em outro trecho, você propõe a comparação e o estudo das relações entre textos literários e práticas sociais e, em seguida, sugere que os estudos literários se voltem para historiar ou comparar os processos em que a literatura explique os processos sociais.

Em que medida as ideias do artigo de 2014 antecipam o conceito de identidade afetivizada apresentado em 2020?

Elias J. Torres Feijó: Penso que foi num trabalho do ano 2013 onde escrevi sobre isto pela primeira vez.

Nesse artigo que citam, aludo a um referendium que teve lugar na vila de Aracataca, em que o prefeito submeteu a votação o nome da vila: de Aracataca a Aracataca-Macondo, por ser este, como sabem, o nome do lugar em que se desenvolve a diegese do *Cien años de soledad*, de Gabriel García Márquez, cuja infância passou em Aracataca, hoje convertida em parte num museu ao ar livre com base nesse romance. O nome não foi modificado porque não votou o número mínimo exigido das pessoas mas a maioria das que votaram, votaram a favor da mudança...

Acho que há poucas cousas mais *afetivizadas* que os nomes próprios em termos identitários. Aí, por diversos interesses (se calhar também afetivos), uma parte da população queria mudar o nome, com o que, provavelmente, acabaria identificando-se e que acabaria *querendo*.

O que me parece relevante no estudo dos textos é o de procurar homologias com as práticas sociais, certamente. Para isso, como anotam, deve ser feito trabalho empírico (acho que os denominados estudos literários devem ir substituindo as paráfrases que alguns deles constituem pelo objetivo de produzir conhecimento novo). Refiro-me por poder identificar em que medida essas práticas sociais conhecem homologias com determinados textos, que podem estar atuando como repositório dessas práticas ou, de algum modo, incidindo nelas ou vice-versa. Não falo de influências diretas, muitas vezes indemonstráveis. Falo de homologias.

Darei um exemplo. Nas nossas pesquisas, observamos que a narrativa de Paulo Coelho tem uma quase linear homologia (este é um conceito chave) com as práticas sociais das pessoas que visitam Santiago de Compostela, particularmente (mas não só!) das procedentes do Brasil: naquilo que procuram e não procuram; naquilo que conhecem ou desconhecem, *Diário de um mago* é homólogo. Não é para isso decisivo que lessem diretamente Paulo Coelho; as ideias que nesse textos são transmitidas, chegam a muitas outras pessoas com independência duma leitura direta. Ao extremo de *Diário de um mago* constituir, juntamente com os discursos da Igreja Católica (e, especificamente, de João Paulo II) e de instituições internacionais (UE, UNESCO), as narrativas fundamentais para entender as motivações e atitudes das pessoas em relação ao Caminhos de Santiago (pode ver-se isto no meu livro *Bem-estar comunitário e visitantes através do caminho em Santiago. Grandes narrativas, ideias e práticas culturais na cidade* (https://redegalabra.org/wp-content/uploads/2022/01/Elias2019_LIVRO_BemEstarComunitarioVisitantes_CS.pdf)). Se quiserem entender parte do fenómeno, hoje tão internacionalizado, dos Caminhos de Santiago e os seus modos de uso (não uso), ler Paulo Coelho é decisivo.

Entrevistadores: Como a academia espanhola vem empregando a teoria da afetividade identitária/ identidade afetivizada? Poderia tratar de outros trabalhos?

Elias J. Torres Feijó: Lamento responder que não o sei... A teoria e conceitos concretos, não, certamente. O que não sei é se se estudam nesses termos. O que sim posso anotar é que as direções de trabalhos feitos pela que denomino, não sei se acertadamente, “escola corunhesa”; com o : seus estudos e é uma direção que, acho, se encaixa perfeitamente nos seus tão valiosos como inspiradores trabalhos.

Entrevistadores: Atualmente você desenvolve pesquisas relacionadas aos temas desses dois artigos?

Elias J. Torres Feijó: Desenvolvemos no estudo das relações entre comunidades visitantes e locais na Galiza e no norte de Portugal, com a equipa que coordeno no conjunto da Rede Galabra. Especificamente centrado no âmbito turístico e no quadro dos Caminhos de Santiago. Estudamos as comunidades espanhola, brasileira, portuguesa e galega e as suas relações, onde determinados fenómenos (a língua, entre eles), podem gerar afetividades e acabarem por incluir a Galiza no quadro identitário, por exemplo.

Também estão presentes no estudo que fazemos das comunidades rurais e dos seus modos de relacionar-se comunitariamente e com o território. E, igualmente, no estudo de pessoas rurais e neorrurais, de modo incipiente.

Por outro lado, acho que a abordagem em termos de culturologia, de investigação na cultura, da relação entre narrativas, comunidades e territórios é extremamente frutífera. Nesse sentido, há pouco tempo abrimos um espaço, no Galabra da Universidade de Santiago de Compostela, de estudo da narrativa moçambicana após-independência (para que criámos uma base de dados aberta: <https://litmoz.com/about>) como modo de entender a intervenção de intelectuais nas questões identitárias e sociais do seu país (algo disto pode ver-se no meu trabalho “Cânone literário identitário para entender Moçambique: um projeto de leitura antropológica e sociológica da sua narrativa contemporânea”, publicado em *Literatura e seus enlacs. Trajetória de Regina Zilberman*, livro de homenagem à minha querida e admirada colega Regina Zilberman).

Sim, nessas dimensões todos esses conceitos estão presentes, dum modo ou doutro. Aí e na vida, porque me ajuda a pensar e a entender as lógicas doutras pessoas e grupos e a desenvolver, no possível, empatia.